

Comunicação e Desenvolvimento dos Vínculos na Criança

JOÃO GOMES-PEDRO, MADALENA PATRÍCIO

Clínica Pediátrica Universitária – Hospital Santa Maria

Resumo

Os A. perspectivam a comunicação da criança na base dos contextos interactivos que caracterizam o desenvolvimento nesta fase do ciclo de vida. Fundamentalmente os A., questionam o modo como o bebé transforma cada expressão comunicativa em interacção e em significado potencialmente influente no processo da criação dos vínculos, em especial com os seus parceiros significativos.

Os A. reflectem, por último, sobre os resultados do seu estudo baseado numa intervenção precoce, concluindo que a renegociação e o ajuste são os factores que importa investir no apoio aos pais.

Palavras-chave: Interação; Comunicação; Vínculo; Criança; Intervenção Precoce.

Abstract

The A. consider children's communication, based on the interactive contexts which characterize development in this stage of life. The A. mainly question how the baby converts each communication process in interaction and in factors influencing the attachment process with significant partners.

The A. reflect upon the results of their study based on early intervention and conclude that renegotiation and adjustment are the factors worthy of investment in parental support.

Key-words: Interaction; Communication; Attachment; Early Intervention; Infancy.

Perspectivar a comunicação do ser humano no contexto dinâmico do ciclo da vida assumindo que há períodos sensíveis, que há pontos de viragem, que há influências, que há continuidades e também descontinuidades e, sobretudo, que há forças determinantes nesse ciclo é, hoje, a nosso ver, um desafio que a todos implica.

1 – Diz-se que, por natureza, o homem é um animal social. Diremos que outros o são também. De facto o que nos parece relevante é entender, através da comunicação o como o animal social que o homem é passa a ser interactivo e, sobretudo, como passa de parceiro interactivo a um significativo para outros, também especiais.

Os últimos vinte anos de investigação em comunicação infantil têm sido os de um exaustivo estudo da interacção molecular, conseguido através de um constante aperfeiçoar de metodologias de observação e de tecnologia audio-visual.

Porém, à beira de um novo século, estamos convictos que o mistério que transforma a interacção em relação está longe de estar explicado.

Este é o segredo da comunicação do bebé em família e o segredo da génese de uma nova família, quando esse bebé mais tarde adulto descobre, outra vez que, entre múltiplas interacções, umas são mais significativas que outras, porventura únicas, essencialmente insubstituíveis.

O mistério do único e do insubstituível insere-se e padroniza-se no mais ou menos significativo das primeiras interacções para o bebé.

Diremos então que o que torna o bebé mais que animal social e, sobretudo, mais que ser interactivo, o que torna cada bebé um parceiro selectivo ou seleccionante da comunicação é a sua capacidade de discriminar interacções, dando-lhes significados próprios e decisivos para a sua vida social e emocional.

Como é que o bebé transforma cada comunicação em interacção e, acima de tudo, como é que transforma algumas das suas interacções em relações significativas?

Não será preciso alguém ser erudito em comunicação infantil para dizer que cada interacção é especial. Tão

especial ela é que até instintivamente se dirá que ela representa uma relação significativa, uma relação única.

Enfim, todos acreditarão que cada brincadeira entre mãe e filho é um trecho comunicativo, onde predomina a contingência feita de afinidades na base de uma melodia partilhada.

A análise científica de cada trecho comunicativo dar-nos-ia, até à exaustão, a tradução molecular, modal, dessa expressão interactiva.

Nestes termos interactivos, poderemos identificar, tanto do lado do bebé como do da mãe, múltiplas dimensões do jogo interactivo – direcionalidade, intencionalidade, reciprocidade, cumplicidade.

Neste contexto, podemos ainda fazer progredir o nosso juízo em termos de qualidade se estivermos atentos à expressão da adequação ou contingência que existe em cada episódio interactivo quando avaliada a comunicação da idade na sua globalidade.

Contudo, mesmo munidos de toda esta metodologia de avaliação, vislumbramos que nos faltam meios para registar o que, de facto, sentimos se, porventura, nos abstrairmos da atenção técnica para nos concentrarmos no todo ou seja no fluxo ou tom do todo.

Será, se quiserem, a expressão subjectiva da relação interpessoal.

Esta é a avaliação do mistério que faltará objectivar se é que é possível fazê-lo.

E este será, todavia, também, um dos grandes desafios para os profissionais do desenvolvimento, porventura peritos nas técnicas da sua avaliação.

Consideramos que em desenvolvimento humano, no estado actual do nosso conhecimento, a grande questão é esta: Como é que um bebé transforma e credita interacções, na sua natureza de ser social e comunicativo, num registo de significados que o fazem parecer mais ou menos credível, que o tornam outro mais ou menos significativo, que o transformam em pessoa mais ou menos resiliente?

Não será este, em saúde, o segredo de como os riscos se podem tornar em comportamentos aditivos nuns, em doença noutros e, porventura, em mais convicção, em mais resiliência, noutros?

O que faz a diferença?

O que quer que seja esta diferença, não será ela uma diferença essencial a perspectivar numa Medicina moderna que se modela cada vez mais no contexto das relações e do seu significado?

Não será esta a contra luz do stress e da violência?

Na dinâmica desta reflexão ousaríamos traçar cinco aspectos que consubstanciam o modelo que fundamenta o nosso conceito e que também é proposta de intervenção favorecedora do desenvolvimento, aplicável na família, mas tendo como alvo a criança, num contexto de comunicação.

Primeiro aspecto:

O desenvolvimento humano é um contínuo de descontinuidades mas só é possível entender cada idade em cada etapa deste desenvolvimento na base da dinâmica do todo e das influências que cada parte tem no todo.

Segundo aspecto:

As descontinuidades em desenvolvimento são os patamares que fazem ser uma linha quebrada esse mesmo desenvolvimento. Esses patamares que antecedem grandes surtos de desenvolvimento e que, na criança, são representados por regressões ou desfasamentos, são eles as grandes oportunidades para se intervir junto da família ajudando-a a ver as forças, a energia, a crise, os determinantes da adaptação e da desadaptação e, sobretudo, a previsão da fase seguinte, do patamar que se segue.

Terceiro aspecto:

A comunicação, inserida nas suas interacções mais precoces, constitui o material que permite elaborar a estruturação cognitiva da criança.

Admitindo que o significado das relações passa pela estrutura cognitiva elaborada através do modo como decorrem as interacções, o mediador mais provável deste processo será o desenvolvimento do sentido do eu.

Neste constructo, o sentido de identidade que o desenvolvimento do eu determina, fundamentará os cambiantes da empatia e da regulação emocional das relações.

Quarto aspecto:

Os modelos interiores de vinculação representados pelo tom da empatia inicial feita de expectativas confirmadas, de mutualidades corrigidas, de contingências afinadas, esses modelos são representações que a criança constroi, assimila, acumula e prediz, influenciando assim as sucessivas relações e descobertas. A identidade infantil surge assim como um processo dinâmico, sistematicamente reconstruído a partir de uma matriz constantemente renovada mas que é matriz e que é relacional.

Quinto aspecto:

Auto-estima, auto-conceito, resiliência, são expressões globais da comunicação que cada criança, que cada pessoa constroi ao sentir a matriz da sua identidade respeitada, reforçada, redescoberta em cada nova interacção e que, na medida dessa retroacção, será relação mais ou menos significativa, de acordo com o cambiante dessa mesma retroacção.

Ser mais ou menos resiliente tem a ver com o sentimento do grau de afinidade encontrada entre uma identidade e um outro receptor, supostamente identidade doutra pessoa que comunica, que interage e que, também, desejadamente, pretende transformar interação em relação.

Dir-se-á que resiliência ainda não se mede, adequadamente; porém, os profissionais de Saúde, de Educação, de Psicologia e todos aqueles cujo mister é ajudar os outros, conhecem, porventura subjectivamente, os parâmetros semiológicos desta resiliência.

Destes cinco aspectos, entre outras sugestões, uma nos parece óbvia e que, por isso mesmo, tem inspirado os nossos estudos.

Como favorecer o porvir através de intervenções atempadas e contingentes no processo que marca a diferença entre interação e relação?

Imagine-se o fenómeno mais natural e mais sonhado da vida – nascer!

Nascer deste ou doutro modo faz a diferença e fará, sobretudo, diferença se viabilizar a transformação de expressões da comunicação (visual, auditiva, táctil, olfativa) em fundamentos de relação.

Quando provámos há quinze anos (porventura dos primeiros) que meia hora de abraço mãe-bebé faz de facto a diferença, medida essa diferença um mês após o nascer, interrogaram-nos assim os primeiros ouvintes dos nossos resultados: mas como é que meia-hora de contacto precoce faz a diferença? ⁽¹⁾.

Hoje responderíamos ainda com mais convicção do que há quinze anos, conhecendo hoje muitas mais extensões e significados dos nossos resultados de então.

Em termos de porvir, de desenvolvimento global, será muito pouca a diferença, diremos hoje.

Porém, quando há risco, quando não há bases para a resiliência, quando a interacção é comunicação não contingente, a construção de uma relação significativa pode cobrir o risco e com ela trazer o vínculo, a identidade, o mistério que, a partir das relações, faz as pessoas acreditarem que a seguir a cada patamar existe um novo sentido de vida, de crescimento, de esperança.

2 – Os fundamentos da nossa intervenção, buscamos-los nos resultados dos nossos estudos e nos de outros que investigam o mistério que determina a interacção mãe-bebé e está ainda hoje longe de ser totalmente explicado.

É verdade que sabemos muito pouco de interacção... Em todo o mundo se multiplicam estudos neste domínio e como tantos outros o nosso grupo de trabalho ¹ tem

estudado a comunicação, nomeadamente a interacção mãe-bebé, seguindo desde o nascimento um grupo de sessenta crianças agora já com dez anos de idade.

A primeira questão que se coloca ao abordar o fenómeno da génese da comunicação é a de saber se *os bebés são, ou não, verdadeiramente capazes de comunicar*.

Comunicação supõe um processo *de ida e volta* e os *bebés* não podem ser considerados como comunicadores até que se desenvolvam modos de ler os sinais dos parceiros interactivos, até que sejam capazes de modificar o seu comportamento de acordo com esses sinais.

Será que os bebés ao emitirem sons não atribuem significado às suas mensagens? Será que não encontram significado nas mensagens dos adultos?

Se assim for eles seriam apenas *comunicadores passivos* e os adultos enquanto capazes de atribuir significado à comunicação da criança ajustando o seu comportamento, seriam os *únicos verdadeiros comunicadores*.

Mas será assim? E se assim for, até quando serão *comunicadores passivos*?

A fim de podermos responder directamente a esta questão foi no nosso estudo criada e registada em vídeo uma situação de interacção, que designámos por *situação de stress*.

Porquê incluir uma *situação de stress* no nosso estudo é a pergunta que naturalmente se coloca uma vez que não somos sádicos. Referências na literatura indicavam que uma díade sujeita a *stress* de alguma forma revela com maior ênfase o seu modo de funcionamento habitual.

Pretendíamos portanto analisar o modo como o bebé gradualmente reagia à situação de *stress*, o modo como a mãe lidava com esta situação e, finalmente, comparar a qualidade da interacção mãe-bebé antes e depois dos momentos de *stress*.

A situação de *stress* por nós escolhida evoluiu, naturalmente, consoante a idade da criança ao longo do estudo:

- até aos 6 meses – «criança só». Pediu-se à mãe que abandonasse a sala por uns momentos deixando a criança sozinha num ambiente para ela desconhecido.
- entre os 6 e 9 meses – «criança face a um estranho». Situação adaptada da *strange situation de Ainsworth* ⁽²⁾ em que se pede à mãe para abandonar a sala para dar entrada a uma pessoa estranha à criança.
- aos 12 meses – «still-face» adaptado da situação de *still-face* de Tronick ⁽³⁾.

De todas as situações por nós introduzidas o *still-face*, registado aos 12 meses, foi sem dúvida a mais forte. Depois de um período de interacção livre pedia-se

¹ UDICPU – Grupo de Investigação da Unidade de Desenvolvimento Infantil da Clínica Pediátrica Universitária da FML.

à mãe que durante algum tempo (e na ausência de qualquer brinquedo) a um sinal previamente combinado com o técnico, simulasse uma cara própria daqueles dias em que se sente mais deprimida, mais triste, ou seja, que fizesse aquilo que, na literatura, se designa por *still-face* (cara de pau) durante três minutos. Pedimos, portanto, à mãe que, durante estes três minutos não respondesse a nenhuma solicitação do bebé, nem verbal, nem gestualmente.

Após a visualização do registo da situação em que foram quebradas as regras de interacção, foi possível verificar que, durante o *still-face* o bebé se comportou de um modo completamente distinto daquilo que habitualmente faz quando está sozinho, ou quando está com a mãe numa situação interactiva normal². Talvez agora possamos responder à questão formulada anteriormente sobre se os bebés *são, ou não, verdadeiros comunicadores*.

O bebé demonstra ser de facto um verdadeiro comunicador! Ele foi capaz de mostrar um real conhecimento das regras interactivas, chegando em alguns casos ao ponto dramático de se desorganizar perante a atitude contraditória da mãe. Saliente-se que em muitos casos esta apenas se manteve silenciosa, sem responder aos seus sucessivos apelos o que foi suficiente para desencadear uma situação de *stress* na criança.

Registaram-se alterações significativas e, globalmente, pode constatar-se que o bebé fez várias tentativas: chamou a mãe, fingiu ignorar a situação, usou tudo aquilo que pensava poder agradar à mãe (a fita de cabedal da cadeira onde estava sentado, as carrapetas da cadeira), simulou o choro, chorou, etc... até que, progressivamente, se foi desorganizando entrando em *stress* mantido. Em todas estas tentativas da criança ficou bem patente que o bebé, ia, simultaneamente, experimentando e controlando o efeito da sua comunicação na mãe.

E a mãe, como é que reagiu? Podemos afirmar que das 60 mães só 14 conseguiram manter a situação experimental durante 3 minutos. As restantes, embora mantendo-se silenciosas, arranjam maneira de responder ao bebé por formas alternativas (dando-lhe um lenço, as chaves de casa, uma caneta, etc.).

É importante salientar que a criança cuja interacção foi registada em vídeo se sentou pela primeira vez naquela cadeira três minutos antes, ou seja, quando se introduziu a situação de *stress*, bebé e mãe estavam a brincar há apenas três minutos. Primeiro serviram-se de brinquedos (caixinhas plásticas) e depois, quando estes foram retirados, a mãe brincou com a criança, servindo-se da fita de cabedal da cadeira e das carrapetas encarnadas. Gostaríamos, no entanto, de salientar o aspecto de na ausência

dos brinquedos o bebé ter, justamente, repetido o jogo da fita e o das carrapetas para chamar a atenção da mãe, ou seja, ter sido capaz de repetir aquilo que se tinha passado com *sucesso*, com *prazer mútuo*, momentos antes.

A partir da análise de situações de *stress*, foi possível verificar no comportamento das crianças algumas das regras básicas da interacção, nomeadamente a da persistência (o não desistir), a do uso de vários meios para conseguir o mesmo fim, a do respeito pela regra do stop, a da tendência para repetir os aspectos anteriormente vividos na interacção com sucesso...

A habilidade com que ambos, mãe e bebé, regulam a qualidade de interacção tem um efeito fundamental no modo como a criança se sente acerca de si-própria e é afinal aquilo que designamos por *sentimento da eficácia* por parte do que cada parceiro consegue, ou não, fazer. Quando a interacção corre bem, gera-se um sentimento de eficácia mútuo. Consideramos que da qualidade das emoções geradas nas trocas sociais, um modo emotivo e um padrão interactivo são interiorizados pela criança. Note-se que com isto não queremos dizer que na interacção tudo tenha sempre de correr bem, com sucesso. Antes pelo contrário, sabemos hoje em dia que uma renegociação bem sucedida entre o bebé e a mãe pode aumentar significativamente o *sentimento da eficácia* sobretudo por parte da criança.

Claro que se a dissincronia na interacção for muito grande, ou muito frequente o sentimento de impotência e falha pode instalar-se.

É um facto que os resultados deste estudo provam que o bebé comunica, mas dir-se-á que ele já tem 12 meses. Desde quando se comporta assim? Desde quando é comunicador?

Tronick⁽³⁾ que introduziu pela primeira vez esta situação experimental, prova-nos com bebés de 4 semanas que, já nessa altura, eles ficam perplexos, embora a situação não seja tão dramática.

Voltando à questão colocada inicialmente, pensamos que, no que toca à comunicação, não haverá verdadeiramente um *começo* que se possa datar com precisão tal como a primeira vez que o bebé se senta, ou anda ou come à colher. O que sabemos é que em matéria de comunicação tudo é muito precoce e, ao nascer, o bebé já é um verdadeiro comunicador.

Diríamos mesmo que *tudo começa antes do nascer com um projecto de um filho...* Sartre afirmava já *que o homem é projecto*. De facto, os pais transportam para a interacção toda a sua individualidade, todos os seus sonhos, projectos e angústias. Sabe-se hoje que a interacção conseguida vai ser o produto do ajustamento dos pais à realidade vivida no dia a dia.

Do estudo de situações de interacção em idades mais precoces, mais precisamente com bebés de um mês de

² O que aliás foi possível observar pelo registo vídeo dos 5 minutos que antecederam a situação de *still-face*.

idade podemos destacar alguns dos conceitos fundamentais da interacção:

- reciprocidade – cada parceiro recebe mensagens – considera-as e leva-as em conta, dá a vez ao outro, ajusta o ritmo, muda o comportamento e atitude...
- mutualidade – é sobretudo a mãe que respeita os períodos de afastamento; ela utiliza os seus períodos de disponibilidade para partilhar com o bebé uma experiência de prazer, garantindo assim a adequação afectiva...
- sincronização – introdução da dimensão temporal na reciprocidade e mutualidade com carácter cíclico.

E poderíamos continuar a enumerar outros critérios...

No entanto, se nos perguntassem para privilegiarmos apenas um critério, apenas uma qualidade da mãe... porventura a mais importante para o sucesso da interacção, teríamos grande dificuldade em responder. Nós próprios não sabemos exactamente o que se passa porque, como já referimos, o mistério da interacção está longe de ser desvendado, havendo mães muito comunicativas, outras muito passivas, bebés muito solicitadores, outros muito apagados, uns e outros resolvendo, com maior ou menor sucesso, o jogo interactivo sem que nos seja possível identificar um padrão modelo.

Em relação às situações observadas no nosso estudo, diremos que *cada díade em cada momento reagiu à sua maneira...* e esta é outra das regras da interacção – *os bebés não respondem sempre da mesma maneira*. Desde as idades mais precoces vão estabelecendo *relações únicas* e vão começando a viver a experiência complexa da interdependência e da relação singular.

Esta diferenciação interactiva nunca se repete, é única, o que, se por si só, constitui uma *riqueza maravilhosa* não deixa de, simultaneamente, ser em si mesma, muitas vezes, fonte de alguma ansiedade para os pais, sobretudo antes do bebé nascer.

- Como é que vai ser?
- Serei capaz de perceber o meu filho?
- Como é que vou saber se ele tem fome, sono, frio?
- Como é que ele vai comunicar?

Esta angústia vivida pelos pais antes do nascimento na maior parte dos casos desaparece gradualmente, à

medida que vão sendo capazes de descobrir que, nesta matéria, o melhor professor é o próprio bebé.

Não queremos com isto dizer que tudo se resolve facilmente e que a mãe não precisa de se preocupar com as necessidades do bebé. O que queremos dizer é que o bebé vai saber pedir, vai saber sinalizar e isto é a chave de tudo, se a mãe souber ouvir.

Por tudo isto, se tivéssemos de privilegiar apenas uma qualidade interactiva por parte da mãe, talvez optássemos por aquilo que os ingleses designam por «*mis-match*» e que significa a capacidade de descobrir o próprio... o específico... na altura certa e de agir, então, contingentemente.

Será que estamos a falar de sensibilidade?

E nós, técnicos, que papel devemos desempenhar quando, justamente, nos apercebemos que essa sensibilidade não está presente?

Um polo da nossa intervenção, poderia ser *o favorecer na experiência precoce, a oportunidade da descoberta da individualidade de cada bebé, enfim, os primórdios da interacção...*

Ajudar os pais na descoberta das diferenças individuais é, sem dúvida, um dos aspectos fulcrais da nossa intervenção como profissionais de saúde.

Não bastará, assim, ajudá-los a *descobrir*; há que os ajudar a *aceitar a diferença*, a saber viver com ela no ajuste dinâmico e constante entre o bebé sonhado e o bebé real.

Renegociação e ajuste constante são as palavras chave que subentendem, de facto, uma grande sensibilidade.

O apoio a este ajuste será uma das principais razões de ser da nossa intervenção, ela própria um projecto de Saúde e Educação, feito quotidiano.

BIBLIOGRAFIA

1. Gomes-Pedro J, Bento Almeida J, Silveira Costa C, Barbosa A. Influence of early mother-infant contact on dyadic behaviour during the first months of life. *Dev Med Child Neurol* 1984; 26: 657-64.
2. Ainsworth MDS, Blehar M, Waters E, Wall S. Patterns of attachment. Hillsdale, NJ, Erlbaum, 1978.
3. Tronick E, Adamson L. Babies as People – New findings on our social beginnings. New York. Macmillan Publishing Co. Inc., 1980.